

4 PASSOS PARA ALÇAR VOOS: Tecendo juventude, educação, teatro e cultura de paz

4 STEPS TO TAKE FLIGHTS: Weaving youth, education, theater and culture of peace

Roberta Bernardo da Silva

robertabernardo00@gmail.com
Instituto Federal do Ceará – IFCE

Maria Edneia Gonçalves Quinto

maria.quinto@ifce.edu.br
Instituto Federal do Ceará – IFCE

Debora Frota Chagas

deborafrotachagas@gmail.com
Colégio da Polícia Militar do Ceará General Edgar Facó – SEDUC – CE.

Resumo:

Apresentamos nesse artigo reflexões sobre as relações entre conteúdos da educação básica e os discursos inscritos nos corpos dos jovens alunos do Colégio da Polícia Militar do Ceará, General Edgar Facó, apresentados em uma experiência no Projeto Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos? Objetivando compreender os conteúdos dessas interações focaremos nas discussões sobre convivência e o disciplinamento corporal, segundo Louro (2000). Metodologicamente, o Projeto estruturou-se assim: i): Introdução ii): Construção; (iii): Duração no Colégio; (iv): Percurso, descrição e análise. Mediamos esse olhar reflexivo para o desenvolvimento dos corpos em uma perspectiva da cultura de paz em Jares (2003).

Palavras-chave: Juventude, teatro, cultura de paz

Abstract:

In this article we present reflections on the relationship between education content and the speeches inscribed on the bodies of the young students of the Military Police College of Ceará, General Edgar Facó, presented in an experiment in the Teatro na Escola Project - O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos? In order to understand the content of these interactions, we will focus on discussions about coexistence and body discipline, according to Louro (2000). Methodologically, the Project was structured as follows: i): Introduction ii): Construction; (iii): Time at the College; (iv): Route, description and analysis. We mediate this reflective look at the development of bodies from a perspective of the culture of peace in Jares (2003).

Keywords: Youth, theater, culture of peace.

INTRODUÇÃO

Como primeiro passo para alçar voos saliento que as reflexões partilhadas nesse artigo resultam de uma concepção de conhecimento sensível que envolve o corpo inteiro, vislumbrando

possibilidades, dialogando, realizando experiências teatrais e leituras, agora sobre um determinado contexto de ensino formal para jovens que é diverso, para saber como mover-se.

Ao finalizar o curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Ceará – UFC em 2016, deparei-me com diversas possibilidades de praticar a docência. Hoje, sou professora de Teatro na Instituição de Arte, Cultura, Ciência e Esporte – CUCA, um equipamento municipal, que tem como meta a efetivação de políticas públicas para juventude entre 15 e 29 anos, por meio dentre outras atividades, de cursos com duração de 3h/a por dia, duas vezes por semana, enfocando o processo formativo vivenciado por até 20 participantes. Esse presente se faz soma de passos anteriores.

A caminhada que percorri em meu processo de formação educacional e artístico desenvolveu-se como integrante de grupos de dança e de teatro e atuação em projetos sociais. Logo, minha trajetória artística e docente vem sendo norteadada ao longo dos anos, pelo diálogo por vezes tenso, entre arte e educação. Ao perceber isso, voltei ao ano de 2015, quando estagiei durante a Licenciatura em Teatro, no Colégio da Polícia Militar do Ceará General Edgard Facó¹ - CPMGEF, da rede pública estadual de educação básica, com a intenção de desenvolver com um projeto artístico-educacional. Mas, na prática, minha proposta não foi aceita e passei a ministrar aulas de 45 minutos, para 40 estudantes por sala, de segunda a sexta-feira, em seis turmas.

Fui então, em busca do Projeto Político Pedagógico (PPP)² do CPMGEF no qual constavam metas como: a garantia da ordem pública, promoção do bem-estar social e uma educação de qualidade aos filhos de militares e civis, de acordo com os preceitos da ordem militar em uma perspectiva da formação de cidadãos críticos e participativos da sociedade com o lema do período, que era **Segurança máxima em educação**. Nesse período, o projeto **Porta Aberta – Eixo Teatro**³ implementado em 2013, vinha sendo desenvolvido pelo Grupo de Teatro dessa escola com oficinas da área para estudantes do Ensino Fundamental II e Médio.

Aproveitando o contexto acima descrito, propus a realização de um outro Projeto **Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos?** que possibilitasse aos alunos daquele grupo, pensar sobre seus corpos. As reflexões resultantes dessa experiência é que partilho no presente artigo.

¹ O Colégio da Polícia Militar do Ceará General Edgard Facó, fundado em 03 de março de 1997 é conhecido pela comunidade escolar por CPMGEF. A partir daqui, irei utilizar essa sigla no texto para referir-me a esta instituição educacional. Recebe alunos do 1º ano do fundamental I ao 3º ano do Ensino Médio.

² Projeto do ano de 2015, disponível na secretaria do CPMGEF.

³ Projeto aprovado pela SEDUC-CE, regido pela professora regente Debora Frota Chagas, no período extra escolar.

PASSO 1 - OBSERVAR

Conheci o grupo de trabalho constituído em média de quinze a trinta estudantes, por encontro, na faixa etária entre onze e quinze anos de idade. Surgiram questionamentos sobre as marcas inscritas nos corpos e vidas dessas meninas e um menino imersos em um ambiente de formação rígida, que ao mesmo tempo, abria-se para o ensino e a aprendizagem em Artes. E, para desde já refletir de modo crítico sobre esse processo, propus as ações, dialoguei com alguns autores e fui sistematizando reflexões sobre essa caminhada que servirão para repensarmos a relação entre corpo e teatro na escola.

PASSO 2 - OBJETIVOS

Ao colocar-me diante do desafio de compreender os conteúdos resultantes das interações entre os estudantes, com base nas reflexões sobre a convivência e o disciplinamento dos corpos exigido no CPMGEF, como objetivo principal objetivo desse artigo, significa dizer que este resulta de outros à época, visados na prática cotidiana, e que precisaram sair do papel. Dentre eles: estudar a convivência entre jovens, com base nas experiências de cultura de paz na educação básica formal; potencializar as expressões dos discursos de um corpo em convivência e seus conflitos, constavam como parte do Projeto **Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos?** Além destes, outros complementares, visavam buscar estratégias para o acolhimento à diferença, pensar o contexto escolar como ponte de diálogo com os conteúdos do Colégio; elaborar discursos corporais sobre os conflitos cotidianos do grupo; desenvolver os processos de fazer e pensar em teatro; estimular a criatividade e debater via corpo, a construção de identidade naquele contexto de ensino e aprendizagem.

PASSO 3 – CONSTRUÇÃO DO PROJETO

O Projeto **Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos?** Realizado de janeiro à dezembro de 2017, gerou material para o presente estudo, potencializou a vigência do grupo de Teatro e legitimou o planejamento previsto pela professora regente de arte do CPMGEF, que atuou também enquanto minha supervisora. Já eu, estive na escola como estagiária. Segundo Carminda (2011), enquanto docentes, devemos legitimar a prática do grupo em diálogo com o

processo criativo e a pedagogia teatral.

O processo criativo estimulado pela referida professora possibilitou aos alunos o conhecer para refletir sobre seu contexto; o ver para além de apreciar, pois juntou a esses processos, o fazer, exercitando suas autonomias e produzindo, coletivamente, arte. Essa metodologia foi escolhida a partir de alguns pressupostos de Barbosa (2010), na área da arte- educação quais foram: a contextualização histórica; o fazer artístico e a apreciação artística.

A pedagogia teatral por outro lado, perseguiu de acordo com Japiassu (2001), diferentes maneiras de desenvolver a prática teatral. Em uma delas escolhida aqui, os atuantes discorreram, sobre seus processos. Assim, o **Projeto Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos?** Foi se construindo em um espaço de diálogo sensível sobre o tema **corpo** no contexto militar e escolar, considerando os regimentos internos do CPMGEF e a construção de identificação e convivência juvenil como foco de investigação, em meio à proposição de processos criativos. As ações práticas foram desenvolvidas durante 11 (onze) meses, com debates sobre corpo, discurso, cultura de paz e conflito, investigação e composições corporal e cênica dos discursos corporais, cujas experimentações resultantes foram apresentadas durante o cotidiano artístico pedagógico da escola e no CUCA Barra do Ceará⁴, um dos bairros periféricos de Fortaleza.

Para desenvolver os percursos citados acima, dialoguei com jogos de Ryngaert (2009), que propõe o jogo para si, com o outro e para o outro, e experimentos corporais em Ferracini (2003), com treinamentos de ações físicas. Tudo isso, guiado por um olhar crítico construtivo, no contexto de corpos influenciados pelo regimento militar e escolar, a partir das seguintes questões: como provocar um corpo disciplinado na perspectiva da criatividade, da invenção, da ressignificação das suas relações? Como proporcionar espaço de fala, quando a regra interna é silenciar e obedecer? Como não negar as regras e os regimentos da escola e, mesmo assim, criar espaço para desenvolver outros modos de relação social tendo como referência a cultura de paz? Nesse tocante, a cultura de paz abordada neste estudo investiga as relações do grupo de teatro e sugere possibilidades de acolhimento e afetividade. Deste modo, tratando conflitos como defesa de ideias e respeitando o que possa vir a ser diferente entre os estudantes.

⁴ Equipamento de responsabilidade da Coordenaria Municipal da Juventude de Fortaleza, que promove cultura, esporte, arte e ciência, onde atuo como professora de Teatro.

PASSO 3.1 - JUSTIFICATIVA

Jares (2002), no seu conceito de **cultura de paz** leva-me a pensar sobre as relações sociais em uma linha tênue de convivências, na qual é possível acolher e potencializar a diferença, sem a necessidade da padronização dos corpos estudantis. A partir desta leitura, podemos perceber o lugar da arte na educação básica em termos de atividade curricular ou extra curricular, como um entrelace desse pensamento com a prática corporal e vocal.

Ratifico a potência do diálogo entre teatro e experiências de cultura de paz na área educacional. Neste sentido, emergiram temáticas expostas mais à frente, resultantes das vivências dos estudantes do CPMGEF, como prática artística cotidiana, a partir de textos autobiográficos. O processo auxiliou no despertar destes sujeitos, não apenas referente às potencialidades artísticas, mas na potencialização de experiências de cultura de paz e reflexão na vivência cotidiana de cada participante.

O conceito de paz vigente hoje continua sendo o conceito ocidental tradicional, isto é, aquele que associa a paz com ideias como não agressão bélica e, em geral, como ausência de todo tipo de conflito. Conceito pobre, classista e interessado politicamente e até perverso, em certo sentido, visto que mantém o *status quo* vigente". (JARES, 2002, p.123).

Assim, quando o grupo de teatro do CPMGEF se disponibilizou a refletir sobre sua convivência, isto se torna um ato possível de identificar conflitos e pensar em estratégias de acolher e repensar sobre estes, estimulando a inclusão de novos elementos para o conceito de paz e a efetivação da convivência com a diferença, tendo como base o respeito. Com isso, foi possível trazer o grupo para questões mais abrangentes de acordo com suas referências identitárias e de comunicação junto à comunidade escolar na qual estavam inseridos.

Seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1996), desafiei a mim e ao grupo a despertar um olhar crítico a partir do saber, fazer e refletir pois, mesmo dentro de uma escola como o CPMGEF que se propõe a um ensino de qualidade, existem outras dificuldades a serem desenvolvidas. Por exemplo, como proporcionar outras relações corporais entre os estudantes, que já estão acostumados a se cumprimentarem sem o toque corporal? Como estabelecer olhares sensíveis na prática artística, saindo da percepção comum de ser algo bom ou ruim? Quero ressaltar este recorte não apenas por estar dentro dos moldes militares da educação, mas porque estamos lidando com consequências de anos da história educacional, que se luta por olhares sensíveis neste contexto.

PASSO 3.2 - CRONOGRAMA

O Projeto **Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos?** Realizou-se sob o formato de aulas extracurriculares e ocorreram duas vezes na semana, no turno vespertino, com encontros pontuais para apreciação e fruição cênica no CUCA Barra do Ceará. Esta proposta seguiu rigorosamente o calendário escolar, incluindo períodos de provas, planejamentos e eventos culturais, assim como podemos conferir abaixo:

PERÍODO	AÇÃO
JANEIRO 2017	Diagnóstico das possibilidades corporais e debate sobre o contexto militar dos corpos do grupo de teatro.
FEVEREIRO 2017	Diagnóstico das possibilidades corporais e debate sobre o contexto militar dos corpos do grupo de teatro.
MARÇO 2017	Avaliação de verificação de conhecimento; prática da técnica a partir dos verbos de ação do Laban e debate.
ABRIL 2017	Investigação técnica a partir da manipulação de objetos, composição cênica e assistiram espetáculos no CUCA Barra.
MAIO 2017	Viram vídeos de Rede de Elástico e Corpo Coletivo da Ligya Clark; roda de conversa para estimular a criatividade, elencaram e organizaram na escrita propostas cênicas corporais.
JUNHO 2017	Roda de conversa para estimular a criatividade, elencaram e organizaram na escrita propostas cênicas corporais.
JULHO 2017	Férias
AGOSTO 2017	Investigação imagética corporal.
SETEMBRO 2017	Experimento cênicos práticos.
OUTUBRO 2017	Experimentos na semana cultural.
NOVEMBRO 2017	Ensaio com repetição, afinação técnica das criações.
DEZEMBRO 2017	Apresentação cênica no CUCA Barra e círculo de conversa sobre as percepções do que diz um corpo – finalização do projeto.

Cronograma do Projeto Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos?

PASSO 3.3 – VIGÊNCIA DO PROJETO NA ESCOLA

O referido projeto perpassou tanto aulas expositivas como por elaboração, experimentação e construção de discursos a partir do que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos, no qual foi abordado, principalmente, o recorte dos estudantes junto as suas vivências no CPMGEF. De modo prático, proporcionei jogos dramáticos, onde o grupo teve a oportunidade de interagir a partir do estímulo da fala, da música, de objetos e de escrita. Foram exercícios em que todos estavam envolvidos, onde os jovens abordavam o seu cotidiano escolar e os condicionamentos

comportamentais e apresentavam outras possibilidades corporais.

Na vivência dos jogos teatrais, a turma foi dividida em dois subgrupos para debater sobre os temas escolhidos pelo grupo como regra, disciplina, respeito, convivência. A partir desse processo, desenvolveram encenações. Estas foram apresentadas para que uns conhecessem a construção do pensamento crítico dos outros e finalizassem com debate técnico teatral e reflexões diante dos discursos expostos. Junto a estes exercícios foi abordado ainda, o corpo como emissor e receptor de informações nos ambientes nos quais cada um(a) se encontrava. Isto a fim de dialogar com o que Freire (1996) nos aponta sobre a leitura de mundo, a partir do contexto do educando.

Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra" (FREIRE, 1996, p.32).

Desse modo, percebo que o espaço físico cotidiano foi estudado agregando as discussões sobre a convivência em sala de aula e na escola, para em seguida, perceber estes espaços enquanto possibilidades cênicas. Isso ratifica o que já existia e ressignifica os modos de convivência em cada lugar, sempre levando em consideração as leituras de cada estudante. Vale salientar que esta prática foi um fio condutor para estimular reflexões sobre onde os discentes se encontravam e como poderiam atuar, criativa e criticamente, pois considero que não é suficiente apenas passar pela escola, é preciso experienciar-se a partir dos espaços de diálogos, de comunicação efetiva e de conhecimento.

PASSO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: PERCURSOS, DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Neste passo, foram desenvolvidas rodas de conversas temáticas, exposições de imagens estéticas geradas a partir do corpo. Propus exercícios que oportunizaram a construção de pensamentos críticos e estéticos, momentos para investigações em espaços externos da sala, criações coletivas, apreciação cênica e apresentações na semana cultural e no CUCA Barra do Ceará, finalizando com roda de debates.

Para alçar voos, divido aqui esse tópico, de modo didático, em dois momentos do projeto

Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos? Para que possamos nos debruçar sobre os “fazeres”, as análises reflexivas e o desenvolvimento do pensamento sobre os quatro passos (i): Introdução; ii): Construção do Projeto; (iii): Vigência do projeto na escola e (iv): procedimentos metodológicos: percursos, descrição e análise, para alçar voos durante essa experiência de arte e educação no CPMGEF, em teoria e prática. Depois de construir possíveis caminhos para voar é preciso entender o percurso de estudante, de parcerias, de diálogo e de troca. Fazer com que nós entendamos qual a turma, o grupo, a tribo que queremos compor para seguir com as ações artísticas, ou políticas, ou educacionais, ou ideológicas.

PASSO 4.1 - OLHAR PARA DENTRO – percepção de si

Neste passo, em uma das minhas leituras, deparei-me com o seguinte poema sobre escolas e voos:

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 2006, p. 29).

Logo, repensando também o meu lugar enquanto docente mediadora de processos de ensino e de aprendizagem em arte, o que propus enquanto quatro passos para alçar voos, foi também um procedimento para despertar os passos que existem dentro de nós educadores. E, talvez, quem sabe desengaiolar os desejos de voo. Qual escola queremos inventar para que possamos voar? Como estão em nossos corpos, os atravessamentos dos espaços educativos em que atuamos na convivência direta com nossos alunos e alunas, outros colegas docentes, o corpo gestor, a família, nos espaços coletivos de práticas culturais e artísticas?

Pensando nestes espaços, a seguir podemos conferir o registro de um círculo de conversa sobre as ações do **Projeto Teatro na Escola – O que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos?** E sobre as percepções consideradas positivas e negativas de cada estudante em torno da relação social no grupo. Assim, para despertar uma percepção faz-se necessário saber do Eu, do Outro, do Contexto em que nos encontramos para entendermos o jogo do qual estamos participando

cotidianamente: suas regras, regimentos internos de cada lugar, as convivências, as relações sociais. Um corpo estudantil pode resistir, cair e ser flexível dentro do corpo escolar? Como?

A partir de uma roda de falas do grupo percebi algumas saídas. No entre de quem sou e o que vivi... Olhar. Olhar de novo. Olhar diferente para não esquecer do porquê e para quê vim. Entre o azul e o cinza das fardas mantenho o meu cabelo *black* vivo. Sou negra. Primeiros contatos com a diferença e a tentativa de acolhimento. Os olhares são para a estrangeira: a pesquisadora/estudante. Tento não oscilar, afinal a regra do jogo é nítida: firmeza, disciplina, controle. Mas eu não vim aqui na tentativa de criar espaço para vivenciar o sutil, o subjetivo, o criativo, de poder olhar para o lado e despertar a cultura de paz a partir do diálogo junto aos conflitos de convivência?

Fiquei com estas questões ao ouvir os jovens, que trouxeram de modo negativo o que não poderiam realizar dentro do colégio, como andar de *short* nos corredores, abraçar, não deixar os cabelos soltos, dentre outras. E enquanto positivo, falaram da existência do grupo de teatro, pois aquele era um espaço onde poderiam se expressar. Na sequência dos estudos deparei-me com o pensamento de Louro (2000) onde ela fala sobre a escola delimitar o espaço. O que me fez pensar sobre o espaço que ocupamos enquanto educadores na escola, e qual o espaço da escola em cada um(a) de nós. A escola, mesmo delimitada, não é nossa? Como nos apropriar deste lugar educacional? Qual o espaço dentro da comunidade escolar, que podemos construir outro ambiente em que seja possível ser para além das ordens objetivas?

No ato de refletir foram as perguntas que desenvolveram os pensamentos. E olhar para algo e pensar que entende, talvez seja apenas reconhecer por não ser totalmente estranho a si. Mais à frente perceber que não se entende e não se conhece aquele algo que antes, lhe parecia familiar aos olhos. O estado de estranheza, às vezes, nos leva a vasculhar as tentativas de saber um pouco mais sobre o que já se sabe. Este estado pode nos levar não ao entendimento, mas a percepção de como acontece as relações do algo observado. Assim, foi a minha estada no Colégio da Polícia Militar do Ceará General Edgar Facó.

Quando olho para mim, ou para o outro, tento acessar estados, marcas, lembranças, rasuras, talvez na busca de sinais que não digam apenas o óbvio, algo que possa ir além como, por exemplo, quais as memórias, histórias, fazeres e pensares que sou atravessada pelo outro (a)? Estas pergunta levou-me a perceber como estou construindo meu percurso entre vida, arte, formação e prática docente. E estes dentro de uma estrutura escolar, logo provavelmente a maioria das possíveis

histórias advém de institucionalizações. Mas, estas constatações também são compostas pelos intervalos das aulas, pelo caminho de ir e vir da escola, e são nestas narrativas que vejo espaços para a proposição de ações em que seja possível refletir sobre nós mesmos. Dormir. Acordar. Levantar. Tomar banho. Escovar os dentes. Trabalhar. Comer. Estudar. Dormir...

Por outro lado, quando diante dos alunos propus os mesmos desafios: “quem puder faça as ações a seguir: Levantar. Sentar. De outro modo Levantar. De outro modo sentar. Foi possível observar, dizer o que o outro podia fazer, mas deixar que este encontre “como fazer”. Este procedimento proporcionou-lhes um espaço para demonstrar suas possibilidades, limites, modos de agir. Para falar sobre isto, tomemos enquanto referência a apresentação artística do grupo de teatro do CPMGEF para os estudantes de teatro do CUCA Barra do Ceará, que podemos observar na imagem abaixo:



Figura 1 - Grupo de Teatro do CPMGEF – Apresentando no CUCA Barra do Ceará.
Fonte: Acervo de Roberta Bernardo

O grupo decidiu iniciar com o contexto ofertado no Colégio Militar para depois expor suas ressignificações. Diante disto, passei a pensar no fazer dos corpos. Especificamente nos estudantes da educação básica no contexto militar: Sentido! Descansar! Apresentar arma!

São comandos a serem repetidos. Não há possibilidade de se pensar de outro modo, a não ser de corpos nos moldes masculinos e rígidos. Eis um dos regimes internos do CPMGEF. Estes comandos auxiliam na disciplinarização corporal dos estudantes, mas também os distanciam das suas sensibilidades no trato social. Em conversa com o que diz a professora Guacira Lopes Louro (2000) percebi que a questão não era o corpo estudantil em um contexto de uma escola militar e

sim, a própria estruturação da escola ocidental, pois foram criadas para normatizar, uniformizar, padronizar os corpos. E a minha intenção ali, foi buscar outros modos de poder entender aqueles alunos e seus corpos, a mim também como parte desse coletivo e, proporcionar que o outro se visse nas suas ações cotidianas e se questionasse sobre outras possibilidades de convivência a partir do corpo.

Então, passei a refletir sobre o contexto escolar. Corpos em uma estrutura escolar básica. E refletindo com Guacira (2000), desenvolvi o pensamento de como produzir diferenças a partir do que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos. Parti para outra prática. A do movimento do pensamento. Iniciei minha atuação dentro do grupo de teatro, composto por uma variante de quinze a trinta meninas, com idade de doze a quinze anos do CPMGEF.

Observei, agi, interagi, interfeiri no seu *modus operandi*, como ainda fui observada, interferida nos meus modos de ser, de propor algo. Eram corpos femininos, militarizados, com portes masculinos, sem adornos, cabelos presos, fardados. Ao estar neste contexto, lembrei-me do que Vigarello (2003), diz em um artigo chamado *A história e os modelos do corpo*, no qual mostra três vertentes do corpo, que perpassam pelas nossas ações corporais mecânicas sobre um objeto, do corpo enquanto posse, propriedade, possibilidades de ser fronteiras nas relações com o outro, e do corpo emissor de mensagens, e associei estas teorias ao projeto de ação artística pedagógica.

O Projeto Teatro na Escola – o que diz um corpo, dois corpos, muitos corpos? visou dialogar, inicialmente, sobre o tema corpo no contexto militar, mas se firmou na estrutura escolar, levando em consideração as vivências dos estudantes, das suas identificações, como ainda teve a intenção de provocar e investigar processos criativos em coletividade. Contudo, fomos além; nos provocamos de tal modo, e com tamanha sensibilidade, que saímos de um lugar, aparentemente comum, como a questão do corpo no contexto militar e fomos para o corpo na estrutura escolar, pois percebi que a questão era maior e não apenas local.

A reprodução de um modelo direcionou a formatação robótica de corpos. Qual formação queremos? Uma das possíveis diferenças é formar corpos para quê?

Nesta afirmativa vejo que apenas quando percebemos o que fazemos, onde estamos, é que sabemos para o que viemos, pois, talvez, assim cada um(a) possa escolher modos de vida. Então, vejo que minha função na escola é abrir janelas, fazer perguntas, proporcionar espaços para que o educando possa ser, mente e corpo, ao se construir e ao mesmo tempo, eu também estou sendo

desenvolvida. Às vezes, a ansiedade de querer resultados, nos faz arriscar voos antes do bom vento para voar, ainda que um voo hesitante mas, a caminho do alto.

Compreender que o conflito, corporal e ou discursivo, é componente desses passos para o voo, pode nos fazer ver e atuar com outras perspectivas junto a vida, a educação e no fazer teatral. Desse modo, os corpos estão sempre a dizer algo, seja em momentos de passo a passo e ou em voos nessa construção do saber.

Referências

ALVES, Rubem. **Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas**. 2006. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/18465266/Gaiolas-ou-Asas#scribd>>. Acesso em: 5 de janeiro de 2016.

BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

CARMINDA, André Mendes. **Teatro pós-dramático na escola: inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino de teatro** / Ricardo Oltoni Vaz Japiassu. Campinas. SP : Papyrus, 2001.

JARES, X. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOURO, G. L. **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Editora Valdênia Alvarenga Santos Ataíde, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação**. São Paulo: Cosac naify, 2009.

VIGARELLO, G. **A história e os modelos do corpo**. Pro posições V. 14. N 2. 2003. Disponível em: <<https://duckduckgo.com/q=VIGARELLO2C+G.A+histC3%B3ria+e+os+modelos+do+corpo.+&t=canonical>>. Acesso em: 6 de outubro de 2015.

Artigo submetido em 15/03/2020, e aceito em 14/12/2020.